

divulgação ou cultura ?

Das críticas feitas à nossa Revista, duas há que merecem um breve comentário: a do «Diário de Lisboa» (assin. João Gaspar Simões), e a de «Portucale», do Porto.

«Diário de Lisboa». — Há na local do sr. Dr. João Gaspar Simões as seguintes duas frases: «esta revista [«Síntese»] inclina-se mais para a vulgarização que para a cultura» e «tal divulgação [das idéias de Freud] está feita em termos bastante cômesinhos».

A primeira das frases resulta do conceito de cultura que António Sérgio expôs no nosso primeiro número, e que o Dr. Gaspar Simões admite inteiramente. Ora, o conceito de António Sérgio, para quem a cultura «é uma ginástica espiritual, um trabalho do espírito sôbre si próprio», é um conceito muito limitado, limitado à idéia de *cultura em si mesmo*, e sômente a um aspecto desta idéia, qual seja o aspecto transcendental, digamos, puramente teórico, quási metafísico, da cultura. Se aquela noção de António Sérgio pretendesse ser uma noção concreta, se pretendesse abranger a idéia *cultura* na sua totalidade, a cultura deixaria de ser uma coisa concreta. Equivale tal conceito a dizer-se, por exemplo, que «o homem é espírito», quando, na realidade, o homem é espírito e matéria,

indissolavelmente ligados no homem enquanto homem vivo e real, e condicionados um ao outro. Não há homem vivo e real sem matéria que o nutra e lhe dê corpo. Da mesma forma, não há cultura (coisa viva e real) sem matéria que a nutra. Adoptando êste paralelo, o corpo seria uma parte da cultura, a soma de conhecimentos adquiridos; o espírito seria a faculdade elaboradora dêsses conhecimentos, a crítica. Cultura é a soma dos dois. Mesmo que, sofismando, se tome a parte pelo todo, se confunda cultura e crítica, é evidente que não há crítica sem uma matéria criticável. E que assim, dado o *facto X*, a introduzir entre nós, antes da crítica é preciso descrever o *facto*.

Um conceito assim tão limitado, como o de António Sérgio, o de Gaspar Simões, o de tantos outros, levar-nos-ia a posições por vezes muito falsas (e na verdade, é o que sucede a cada passo). De *facto*, «imaginemos uma teoria A que negue a validade e a legitimidade de processos do pensamento tradicional. Como criticar esta teoria? Utilizando o pensamento tradicional? Não. O único processo seria transcender a teoria posta, e depois criticá-la. Mas partir daquilo que ela precisamente nega, para a criticar, é uma posição impossível. No entanto, é o que, realmente, em parte sucede. Ora, nestas circuns-